

Ensaio Sobre a Violência no Futebol Brasileiro

Ana Paula Cabral Bonin

aninha_cabrall@yahoo.com.br

Bárbara Schausteck de Almeida

barbara.edf@ufpr.br

Saulo Esteves de Camargo Prestes

sauloesteves@hotmail.com

Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade

Universidade Federal do Paraná

Curitiba – Paraná – Brasil

Resumo

As diferentes formas de manifestação da violência no futebol brasileiro são decorrentes de aspectos diversos que vem sendo mapeados por autores influenciados por estudos das Ciências Sociais. Assim, buscamos nesse ensaio recuperar algumas das colaborações teóricas desses autores contemporâneos, principalmente Eric Dunning e Norbert Elias, e comparar com as ações que visam o controle da violência no futebol. Pudemos evidenciar que as ações violentas não são exclusivas do universo emotivo gerado e objetivado no futebol, mas também decorrentes de mudanças macro-sociais. Isso nos dá indícios que o controle desses atos só é possível com medidas que vão além dos limites do estádio e de seu entorno.

Palavras-chave: Brasil. Futebol. Violência. Processo Civilizador.

Essay about violence in Brazilian football

Abstract

Different forms of violence manifestation are consequences of many aspects that are being studied by Social Sciences influenced authors. In this sense, we aim to map some theoretical conceptions from these authors, especially Eric Dunning and Norbert Elias, and compare with violence control actions in football. This research has showed that violence actions are not exclusive of the emotional universe around in football, but they are also consequence of macro-social changes. These evidences support the perspective that the violence control is only possible through providences that go over the limit of sportive stadiums and their neighborhood.

Key-words: Brazil. Football. Violence. Civilization Process.

Introdução

O futebol talvez seja uma das temáticas mais discutidas cotidianamente no Brasil e em outros países do mundo. Ainda que haja uma ampla discussão em torno dessa modalidade, perspectivas desprovidas de embasamento teórico minimamente consistente são predominantes nos noticiários midiáticos, nas conversas informais ou nos depoimentos apaixonados de torcedores.

Sem destituir a importância desses meios de discussão, entendemos que estudos embasados em conhecimentos das Ciências Sociais, como Sociologia, Antropologia e Ciência Política, possibilitam incrementar a discussão de temáticas relevantes que rodeiam o futebol, como a violência.

A violência no futebol tornou-se uma problemática social que ultrapassa os limites de ação dos clubes privados e tem se mostrado de difícil solução em todo o mundo. Podemos entender que a violência no futebol pode adquirir diversas formas.

Indicamos primeiramente a violência em campo, entre os jogadores. Apesar de constantemente presente nas partidas, esse tipo de violência é mediada pelos árbitros com base nas regras do futebol. Entre as razões para sua existência apesar dessa mediação, podemos destacar, em consonância com Boschilia (2008, p. 17) os seguintes fatores:

[...] as elevadas cifras investidas, a necessidade de retorno para os investidores, as exigências físicas colocadas aos atletas, a influência gerada pelos meios midiáticos, a exacerbação dos níveis de competição, entre outros aspectos que poderiam interferir nos limites de agressividade dos atletas (Boschilia, 2008, p. 17).

Assim, tanto causas intrínsecas ao campo de jogo como extrínsecas, se considerarmos o universo formado em torno do futebol atualmente, podem ser fatores intervenientes para a violência em campo.

Outro tipo de violência que circunda o futebol é a violência entre seu público. Reis (1998) entende que esse público pode ser dividido em: espectadores, torcedores, torcedores uniformizados e torcedores organizados.

Esse público pode externar manifestações violentas sob a forma afetiva ou simbólica e racional. Trazemos as colaborações teóricas de Reis (1998) formuladas com base nos estudos de Dunning e Elias (1992) para melhor explicá-las.

A violência afetiva ou simbólica é aquela em que os indivíduos manifestam-se com o intuito de demonstrar seus sentimentos, que em estádios de futebol pode ser observada a partir dos gestos e de algumas canções e hinos cantados por torcedores de futebol. Normalmente é emocionalmente satisfatória e agradável.

A violência racional é aquela em que os indivíduos, ou um determinado grupo, têm a intenção, premeditada ou não, de gerar confrontos violentos, sendo que quem a utiliza tem um objetivo a atingir (Reis, 1998, p. 57-58)

Ainda que aparentemente torcedores uniformizados e organizados sejam aqueles que estão mais envolvidos com manifestações de violência racional, a violência afetiva ou simbólica também deve ser considerada. Dessa forma, quando nos referimos aos torcedores consideraremos todos os espectadores do futebol.

Apresentadas as necessárias considerações, propomos um exercício teórico-prático de incorporação de referenciais teóricos e argumentos a partir dos estudos de Dunning e Elias e comentaristas sobre a violência dos torcedores de futebol. Assim, indicamos como principais objetivos nesse estudo: (1) identificar alguns conceitos teóricos na obra de Dunning e Elias, além de comentaristas, que podem ser úteis para a compreensão da violência de torcedores de futebol; e (2) compreender e discutir algumas formas de punição e combate à violência que são observadas na realidade do futebol brasileiro.

Reflexões teóricas com base em Dunning e Elias sobre a violência dos torcedores de futebol

No futebol, a manifestação de uma excitação agradável desrotinizadora tratada pelos autores Dunning e Elias (1992) é um de seus traços mais marcantes. Talvez o futebol no Brasil seja a modalidade que melhor traduza essa concepção teórica proposta pelos autores: a tensão produzida por uma partida de futebol é singular, a linha divisória entre a vitória e a derrota é muito tênue, a imprevisibilidade do resultado final é excitante ao ponto de manter os espectadores concentrados nas partidas durante noventa minutos, os baixos placares

propiciam um acúmulo de tensão que, quando liberada, traduzem com propriedade o que vem a ser a catarse¹.

Aliado a essa excitação agradável proporcionada pelos esportes, e enfatizamos o futebol nesse entendimento, temos o significado social que essas práticas apresentam na atualidade. Os esportes também são considerados um “teatro”, um “simulacro”, tendo como características a ausência de um roteiro previamente desenvolvido, que se contrapõe as atividades cotidianas extremamente mecânicas e reprodutivistas; as emoções afloram ao se presenciar um grande espetáculo, com jogadas bem desempenhadas e pela disputa acirrada entre os atletas ou equipes.

Somente será possível ao indivíduo vivenciar as emoções do esporte se este estiver envolvido de alguma maneira com o mesmo; terá de apresentar um dos três sentidos expostos por Dunning (1999) no livro *Sports Matters*: capacidade de movimento [motilidade], sociabilidade, capacidade de imitação ou alguma combinação dos três. É fundamental que se esteja preocupado com seu próprio desempenho, dos atletas participantes ou que seja aficionado por uma das equipes envolvidas na disputa.

Outro ponto a ser destacado diz respeito à tamanha devoção que muitas vezes os “fanáticos espectadores” nutrem por algum atleta, pelo seu clube do coração ou seleção de seu país. O sentimento de pertencimento a uma coletividade identificada com o indivíduo é tamanho que se estabelece uma relação de caráter religioso entre espectador e o clube ou seleção nacional.

Tratando do caráter religioso que recai sobre o futebol no mundo contemporâneo, Dunning e Elias (1992) apresentam um exemplo caricato dessa dimensão manifestado no futebol inglês:

¹ Nada define melhor a catarse do que uma situação prática: “Ouviram-se alguns gritos daqui e dali, tornando-se cada vez mais altos com o aumento de tensão do jogo. A posse da bola alternava e deslocava-se rapidamente de um limite do campo até o outro. A tensão cresceu, tornou-se quase insuportável. As pessoas esqueciam-se do lugar onde se encontravam. Eram empurradas e empurravam para trás e para diante, para cima e para baixo das bancadas. Existia um confronto no lado esquerdo da baliza da equipa visitante, um centro rápido (cruzamento) e um golpe de cabeça. De repente, a bola estava na baliza e a alegria, o júbilo dos adeptos da equipa da casa subiu num estrondo enorme que se podia ouvir em metade da cidade, um sinal para todos: Ganhamos!” (Dunning; Elias, 1992, p. 133).

De facto não seria ir longe de mais sugerir que, pelo menos para alguns grupos na sociedade actual, o desporto se tornou uma atividade quase religiosa e que, encarado numa perspectiva da sociedade, o desporto veio, em certa medida, preencher a lacuna aberta na vida social pelo declínio da religião. Um exemplo extremo, mas não menos comprovativo deste carácter quase religioso do desporto moderno, é fornecido pelo facto de se ter tornado, aparentemente, uma tradição em Liverpool o lançamento das cinzas dos adeptos falecidos do FC Liverpool sobre o campo de Anfield; assim, parecem ter o desejo de permanecer, mesmo para além da morte, identificados com o “altar” ou “templo” onde “adoraram” durante a sua vida. [...] Em resumo, não é de modo algum irreal sugerir que o desporto se está a tornar cada vez mais a religião secular da nossa época, também cada vez mais secular. (Dunning; Elias, 1992, p. 324)

Essa passagem traduz o que os autores a postulam em relação ao esporte moderno, afirmando que o fenômeno se constitui como um dos principais espaços de manifestação das identidades coletivas nas sociedades atuais, tornando-se fonte de significado na vida de muitos indivíduos.

Moraes (2007) apresenta algumas indagações sobre a relação entre identidade coletiva, futebol e violência que, em nosso entendimento, pensando especificamente no caso do futebol, podem ser colocadas como afirmativas.

Corroborando a análise do autor entendemos que o forte vínculo afetivo e identitário que se estabelece entre torcedores e os clubes ou selecionados nacionais de futebol é uma “válvula de escape” para os indivíduos que vivem em meio a um turbilhão de angústias, incertezas, desigualdades e crises identitárias.

As sociedades contemporâneas apresentam uma característica que as distinguem das sociedades mais antigas: a identidade-eu prevalece sobre a identidade-nós². Ou seja, na atualidade os seres humanos apresentam uma autonomia nunca antes vista, os laços que na era pré-industrial eram mantidos através das relações familiares quase que única e exclusivamente, agora dependem de relações funcionais. As chamadas relações segmentares que se estabeleciam entre os indivíduos deram lugar a relações funcionais (Dunning; Elias, 1992, p. 340-341). Dessa forma os seres humanos passaram a ter maior independência, num processo contínuo de “individualização”, no estabelecimento de suas relações inter-pessoais.

² A esse respeito ver: Elias, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Nas sociedades contemporâneas se tornou efêmero o vínculo vitalício que se tinha com a família e em alguns casos até com a própria pátria; o “viver em grupo” enquanto necessidade de sobrevivência foi superado. Basta observarmos os movimentos integradores que se manifestam na constituição de comunidades continentais (Mercosul, União Européia etc) e nas organizações supra-nacionais como a ONU (Organização das Nações Unidas).

Nas palavras de Franco Júnior (2007, p. 319):

Mais do que no caso de nações, onde existem outros fatores de integração (história, idioma, costumes, sistema político etc.), o futebol moderno é poderoso criador de microssociedades. Esse papel é fundamental nas sociedades ocidentais, que ao se democratizarem, industrializarem, massificarem, uniformizarem, diluíram em certa medida os tradicionais grupos sociais, econômicos, culturais, religiosos, sexuais, etários. O futebol permitiu a formação de identidades grupais em torno de clubes, pelos quais se têm dois sentimentos: ou simpatia, literalmente “afinidade natural”, isto é, solidarização do indivíduo com alguém sem que se coloque no lugar dele; ou empatia, “mesma paixão”, ou seja, identificação pela qual o indivíduo se coloca no lugar do outro. Mas os dois convergem para o amor. (Franco Júnior, 2007, p. 319)

O fato é que existe uma balança Nós-Eu que demanda certo equilíbrio. Os esportes se colocam como um mecanismo capaz de buscar estabelecer o equilíbrio desta balança, de tal forma que permitem aos indivíduos manifestarem sua identidade-nós através do clube que representa sua cidade e do atleta ou selecionado que representa o seu país.

Este espectro que emana dos esportes modernos gera a oportunidade de se estabelecer uma relação hostil entre esses grupos e subgrupos que se constituem a partir da manifestação da identidade-nós dos indivíduos nos esportes. É costume que um destes grupos se organize e se manifeste no intuito de enaltecer seus “valores” e “virtudes” e de estigmatizar os outros como sendo “inferiores”, “piores” e “mais fracos”. Estes conflitos, em muitos casos, resultam em fenômenos violentos relacionados ao esporte sobre perspectivas simbólicas, como os cantos das torcidas contra os adversários, mas também

pela violência racional, que pode ser vista no *hooliganismo*³ na Inglaterra e em outros países.

Ao contrário das organizações sociais mais antigas e menos desenvolvidas, as quais se constituíam em grupos principalmente para a garantia de segurança, nas altamente complexas sociedades atuais a idéia de grupo se diluiu. As sensações de conforto, segurança e pertencimento foram suprimidas pelas amplas unidades de sobrevivência que hoje estão constituídas (grandes Estados nacionais, megalópoles etc.). Considerando que nunca a identidade-nós será completamente suprimida ou extinta, os indivíduos buscam subterfúgios para a expressão dessa interioridade. O problema que se coloca é que, em alguns casos, essa expressão se dá através de organizações extremistas (racistas, xenófobas, ultranacionalistas, etc.) e dentre elas se apresentam as torcidas de futebol.

[...] a formação de clãs futebolísticos e o poder de atração que eles exercem são soluções espontâneas contra o isolamento. Fazer parte de um desses grupos é dotar-se de nova personalidade, é conseguir nova inserção social, que por se tornar estruturante para o indivíduo pode levá-lo a exageros em nome dela. (Franco Júnior, 2007, p. 194)

Essas organizações, dada a fragilidade da personalidade de muitos indivíduos, propiciam um momento de despersonalização, ou seja, quando se está aglomerado em grupos no interior dos estádios, se suprime a real identidade, o próprio indivíduo não reconhece a si mesmo e se deixa levar pela exacerbação de sua identidade-nós, podendo potencializar atitudes violentas entre os espectadores do espetáculo esportivo.

Damo (2006), se valendo dos estudos de Émile Durkheim e de Dunning e Elias, desenvolve um conceito que vem traduzir a manifestação de identidades coletivas em torno dos clubes de futebol, ao qual ele se refere como “clubismo”:

[...] sistema complexo caracterizado pela adesão afetiva dos torcedores aos clubes de futebol, tendo como desdobramento a constituição de comunidades de sentimento. Essas, por seu turno, são responsáveis por desenvolver nos indivíduos uma dada percepção estética do jogo, caracterizada pelo engajamento, **de um modo**

³ “O *hooliganismo* é um termo conhecido em muitos países para referirmo-nos a indivíduos que se utilizam da força física e de ações violentas premeditadas relacionadas a eventos futebolísticos.” (Reis, 2005, p. 115).

que já não se pode dizer que quem vai ao estádio o faz como se estivesse indo ao teatro ou ao cinema, pois a um estádio não se vai para ver um jogo, mas para torcer pelo time que representa o clube do coração [grifo nosso]. (Damo, 2006)

O envolvimento que o torcedor nutre em relação ao seu clube do coração é algo muito maior que a pura e simples predileção por uma equipe de futebol, essa é uma “escolha” que se estende durante toda a vida do indivíduo. Naquele clube do coração e nas suas partidas são depositadas todas as aspirações e angústias do torcedor apaixonado, que vivencia ali, naqueles noventa minutos, uma dramatização de sua vida que lhe proporciona o externar suas mais profundas emoções. Como diria Franco Júnior (2007), o futebol se caracteriza como a “metáfora do mundo contemporâneo”.

Outro aspecto que torna a relação entre os clubes de futebol e seus torcedores tão singular é a questão da continuidade histórica e da manutenção dos patrimônios do clube (estádio, cidade local, cores, mascote etc.). Em outros esportes é comum que as equipes estejam associadas aos seus respectivos patrocinadores, o que as torna entidades itinerantes. Em suma, quando as empresas patrocinadoras atingem seus objetivos, sejam eles quais forem, a equipe se desloca para outra cidade ou estado.

No futebol isso é diferente, o patrimônio que liga o clube ao torcedor é permanente (Morato, 2005) e qualquer tentativa de descaracterizá-lo é motivo de revolta por parte de seus torcedores, que então se colocam como protetores desse patrimônio exacerbando o sentimento de pertencimento ao seu clube do coração.

Portanto, ao se “associar” de corpo e alma a um clube ou a um selecionado nacional de futebol, se está “cerrando fileiras” contra o processo de individualização. O futebol se ressignifica para além de uma manifestação físico-desportiva, ganhando características religiosas, proporcionando o fortalecimento de identidades coletivas alicerçadas nos preceitos de lealdade e unicidade, potencializando um extremismo identitário que pode desencadear atos violentos.

A identificação simbólica que existe na cultura esportiva pode ser um fator determinante nas ações potencialmente agressivas dos espectadores e torcedores de futebol. Essa identificação em indivíduos que não têm uma identidade própria pode levá-los a não perceber os limites entre a sua vida e a sua equipe, ou entre a sua vida

e a vida de um ídolo, e, desta forma, passar a viver suas emoções basicamente por meio dos acontecimentos esportivos, do sucesso e da derrota de seu clube predileto. (Reis, 2006, p. 40)

Dado esse turbilhão de emoções e conformações sociais que podem desencadear os atos violentos dos torcedores de futebol, quem são os responsáveis por contê-los? Nesse ponto, surge o Estado no papel de controle, já que a ele é dado o chamado “monopólio da violência”.

Já em meados do século XIX o Brasil já se consolidara enquanto uma Nação-Estado moderna, detendo de forma sólida o monopólio da força física e tributário (Lucena, 2001). A sociedade em geral já apresentava alto grau de diferenciação das funções e os esportes estavam extremamente difundidos em decorrência das cada vez mais extensas redes de interdependência que se estabeleciam.

A complexidade das sociedades modernas é crescente. Alguns fatores que colaboram com essa situação são a interdependência funcional entre as pessoas e, paradoxalmente, o processo de individualização. Com a necessidade de um controle social e de um autocontrole cada vez maiores no que se refere às emoções, o Estado se coloca como um possível regulador dessas sociedades. Isso se dá através da elaboração de um escopo de coações externas, que podem vir a serem internalizadas (na forma de auto-coações), quanto no sentido de punir aqueles que tomam atitudes “descivilizadas” pondo em risco a ordem social estabelecida.

Ora, é nesse sentido do controle mais firme, mais geral e mais uniforme das emoções, como característica da mudança civilizadora, que podemos pensar, portanto, na prática do esporte como uma ação só possível a partir do exercício dos controles, elaborados como uma maneira de expressão necessária, característica das sociedades individualizadas e reguladas, e no monopólio da força física centralizada, como papel exercido pelo Estado. Esses elementos estão cada vez mais presentes no Brasil do século XIX. Uma prática do esporte que permita um descontrole controlado e que caracteriza um processo de individualização crescente. (Lucena, 2001, p. 53)

A violência pode ser desencadeada num desporto através de uma participação demasiada séria em determinada disputa; em conseqüência de pressões sociais, na busca

por recompensas financeiras ou pelo prestígio que a vitória na disputa pode oferecer (Dunning; Elias, 1992). Essas possibilidades podem resultar em um nível de tensão que transforme o equilíbrio entre rivalidade amigável e hostilidade violenta pendente para esta última.

Nestas circunstâncias, as regras e as convenções destinadas a limitar a violência e a orientá-la para caminhos socialmente aceitáveis são suspensas e, então, pode surgir a luta a sério. Deste modo, no futebol e no rãguebi pode jogar-se com o objetivo de impor danos físicos e dor. (Dunning; Elias, 1992, p. 331)

Para sustentar suas reflexões no que se refere aos tipos de violência manifestados no desporto e nas manifestações de jogos em períodos anteriores da história, Dunning e Elias se apóiam na teoria do Processo Civilizador de Norbert Elias para afirmar que, em relação a este tema, se tem o fato de que o controle da violência física varia nas diferentes sociedades em diferentes períodos históricos. Seguindo o rumo do Processo Civilizador na Europa ocidental, vemos uma tendência em direção a uma sociedade “mais civilizada”, uma sociedade que no decorrer de um processo de longa duração passou a apresentar um limiar cada vez menor em relação ao aceite à violência e apresentou uma alteração no equilíbrio entre a violência “afetiva” e a violência “racional”. Os indivíduos, cada vez menos, deixaram de sentir prazer em se envolver diretamente em atos violentos e em testemunhá-los.

Enquanto na violência afetiva e simbólica as atitudes violentas se referem a agressões verbais e não verbais, no intuito de proporcionar ao agressor uma satisfação emocional, na violência racional e real os atos violentos dizem respeito a agressões físicas diretas e que asseguram ao agressor atingir um dado objetivo. Nas palavras de Reis (2005: 114):

A violência racional é aquela em que os indivíduos, ou um determinado grupo, têm a intenção premeditada de provocar conflitos e gerar confrontos violentos através do uso da mesma, ou seja, quem a utiliza tem um objetivo a atingir. O que ocorre nos confrontos violentos relacionados ao espetáculo futebolístico é um desequilíbrio entre a violência racional e afetiva; ou seja, a violência racional passa a predominar diante da violência simbólica e afetiva. O aumento da violência racional caracteriza

a perda do controle por parte dos espectadores, desencadeando atos de violência física. (Reis, 2005, p. 114)

Nos desportos, manifestações que refletem o Processo Civilizador, a violência afetiva dos jogos medievais e da antiguidade, nos quais os ferimentos graves e as mortes não eram eventos tão raros, deu lugar a uma prática mais organizada, com regras e condutas institucionalizadas, com controle da violência exercido por um agente externo à disputa. Ou seja, tornou-se uma prática mais civilizada.

Porém, se vê nos desportos modernos evidentes traços de uma violência instrumental: uma forma de violência utilizada não visando o prazer como ocorria nos jogos medievais e da antiguidade com a violência afetiva, mas sim, uma violência legítima (ex: o *scrum* no rugby) ou até ilegítima (ex: cotoveladas, arranhões e pontapés fora das vistas do árbitro). Tais “artifícios” visam atingir objetivos relacionados ao um importante valor do esporte moderno: a vitória a qualquer custo. Entretanto, a existência dessa forma de violência não tem um fim em si, mas sim uma razão funcional: “Não se obtêm satisfação agradável dessa violência per se. Não se empenham nisso como um fim em si mesmo, mas como um meio de alcançar um objectivo a longo prazo, o de vencer a liga ou a taça.” (Dunning; Elias, 1992, p. 338).

A violência que se manifesta no futebol apresenta suas características particulares, porém também devemos pensá-la como a manifestação de um problema macro-social, algo que abarca a sociedade em âmbito geral.

Em uma perspectiva macro, precisamos denunciar, como geradores da violência, a influência que o crescente empobrecimento da grande maioria da população mundial vem sofrendo, principalmente em países do hemisfério sul, e o aumento acelerado das desigualdades sociais nesses mesmos países. (Reis, 2005, p. 106)

Enganam-se aqueles que pensam ser a violência nos esportes, principalmente entre os aficionados, um fenômeno exclusivo dos países tidos como sub-desenvolvidos ou em desenvolvimento. Inclusive na Europa, a grande referência atual quando se trata de futebol, muitos atos de violência são registrados: ações dos *hooligans* ingleses, casos de conflitos

entre torcedores na Espanha, racismo etc. Sobre este assunto, Franco Júnior (2007, p. 190) afirma:

Que os problemas sociais tanto no Primeiro Mundo (forte desemprego para seus padrões, falta de perspectivas para os jovens) quanto do Terceiro (enorme desigualdade social, corrupção crônica da elite política, baixa consciência de cidadania) estimulam essa violência é inegável. Porém ela é extravasada por outros canais, além do futebol. (Júnior, 2007, p. 190)

Nesse ponto, vários Estados buscam soluções para as situações de violência entre os torcedores que muitas vezes são baseadas em casos de sucesso com adaptação às realidades locais, conforme veremos a seguir.

Formas de combate a violência no futebol europeu e brasileiro

As autoridades europeias passaram a combater de maneira mais incisiva a questão da violência no futebol após o incidente ocorrido em maio de 1985, na partida decisiva da Copa dos Campeões da Europa entre Juventus (Itália) e Liverpool (Inglaterra), no estádio Heysel em Bruxelas, Bélgica, quando 42 pessoas morreram.

A União Europeia aprovou em seu parlamento um *dictamen*⁴, em 1985, sobre as medidas a serem tomadas para a repressão ao vandalismo e para o combate à violência em eventos esportivos. Esse tratado foi quase totalmente incorporado à legislação esportiva espanhola de 1990 (Reis, 2006).

No caso brasileiro⁵, o que temos de concreto, são apenas propostas punitivas e paliativas, que não abordam o cerne do problema e, em algumas situações, acabam por gerar mais violência.

Em muitos dos casos, é possível analisar que as próprias ações institucionais são realizadas utilizando-se de atitudes violentas e repressivas, principalmente as ações

⁴ “*Dictamen* é um estudo teórico geral ou sobre um caso específico que não tem eficácia, é de caráter opinativo e será o Tribunal de Justiça que irá resolver sobre o assunto: não é portanto uma resolução.” (Reis, 2006)

⁵ “[...] o Estado brasileiro historicamente tem mantido um aparato penal-policial-militar que sistemática e continuamente utiliza níveis muito elevados de violências física e simbólica para a manutenção dos atuais níveis de desigualdade e injustiça social.” (Moraes, 2007, p. 160).

desempenhadas pela Polícia Militar. Percebe-se que os resultados não são satisfatórios, pois a população reage à violência dos policiais também com violência e revolta, através de agressões físicas, quando conseguem, e, e outros casos, com ações organizadas. Parece-me que os meios utilizados pelo Estado não têm sido eficazes para coibir ou minimizar o problema da violência em nosso país, nem mesmo em eventos esportivos. (Reis, 2005, p. 122)

Muito se fala e se faz em relação ao banimento torcedores violentos dos estádios, porém, essa medida não se coloca com a solução definitiva dos problemas. Em primeiro lugar, ainda que esse mecanismo seja previsto em lei, não tem se efetivado na prática, em nosso entendimento, devido à falta de uma ação conjunta mais concisa entre clubes, federações, policiamento e ministério público. Em segundo lugar, acreditamos que o puro e simples banimento dos torcedores dos estádios é mais uma medida emergencial que apresenta sua pertinência, entretanto não resolve efetivamente o problema da violência em âmbito geral, pelo fato de se tratar de um mal que se evidencia em várias outras esferas sociais. Assim como afirma Dunning, citado por Franco Júnior (2007, p. 192)

[...] é evidente que o problema deve ser tratado fora dos estádios. É um problema social simples e terrivelmente complexo: é preciso dar aos hooligans perspectivas tão excitantes quanto uma boa briga, porém socialmente aceitas. Caso se limite a expulsá-los do futebol, sua violência procurará sem dúvida se exprimir em outro lugar. Talvez de forma pior [...]. (Franco Júnior, 2007, p. 192)

Pelo fato de a violência não ser inerente ao futebol, a ações no sentido de coibi-las no espetáculo futebolístico são muito mais complexas e vão muito além de uma ferrenha e cada vez maior repressão policial nos estádios e nos seus arredores nos dias de jogos. Alguns estudos apontam que a violência do torcedor nada mais é do que uma resposta à maneira como ele é tratado; às condições que se apresentam para que se contemple o espetáculo futebolístico. Portanto, somente medidas paliativas principalmente desenvolvidas através da repressão policial não bastam para o combate efetivo contra a violência no futebol. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Betti (2004) contribui:

O esporte incorpora as tendências sociais mais amplas. Quer-se combater a criminalidade apenas construindo mais cadeias, acabar com a delinqüência infanto-

juvenil diminuindo-se a maioria, e assim por diante. A mídia também quer nos fazer acreditar que uma maior severidade nas punições será suficiente para resolver o problema da violência no esporte. Enquanto isso não for questionado, a luta contra a violência será apenas um tratamento dos sintomas, sem atingir suas causas. (Betti, 2004, p. 143)

Na Inglaterra, país onde surgiram os *hooligans*, foi patente a diminuição da violência a partir do momento em que os estádios passaram por profundas reformas em sua infra-estrutura, gerando mais conforto aos torcedores espectadores e, principalmente, retirando-se as grades separavam os setores do estádio, fazendo com que os torcedores deixassem de se sentirem perigosos, algo que estimulava a violência. O sargento Graham Naughton, especialista em *hooliganismo* da *Football Intelligence Unit*, é taxativo ao tratar desse assunto: “quando se tratam os torcedores como animais, eles acabam por se comportar como animais.” (Franco Júnior, 2007, p. 194).

Em outras palavras, esportes modernos são mais do que uma disputa para ver quem corre mais depressa, salta mais alto ou tem maior número de corridas, pontos ou gols; eles também envolvem formas de testar identidade as quais, por causa das pessoas envolvidas, têm aprendido o valor agregado ao esporte, são cruciais para o autoconceito desses indivíduos e sua ordenação de classes como membros de um grupo. (Dunning, 1999)

Todo o processo de investigação e elucidação de algumas denúncias feitas sobre fatos depreciativos ou violentos em relação ao futebol brasileiro mostram que em certos pontos a lei vem sendo cumprida com maior rigor, revelando traços do Processo Civilizador que recai sobre o futebol brasileiro e visa reforçar um impulso moralizador contra atitudes corruptas e fraudulentas relacionadas à modalidade.

Observamos como medida brasileira concreta de combate à violência, por parte governamental, a criação do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT). Acreditamos que o EDT pode ser entendido como uma resposta a esses impulsos “descivilizadores” (que não necessariamente se referem somente à violência física), pois disposições que preconizam a idoneidade, a transparência, a organização, o respeito para com aqueles que vivem o futebol no seu dia-a-dia, e a segurança daquele que investe tempo e dinheiro para se dirigir ao

estádio de futebol todos os fins de semana, tratam de beneficiar a modalidade em âmbito geral.

Atualmente temos um campeonato nacional razoavelmente bem organizado, que atrai investidores com a garantia de retorno. Escândalos no futebol brasileiro que eram evidentes, porém não apurados, passaram a ser investigados e discutidos. A segurança, pelo menos dentro dos estádios, está cada vez mais efetiva. A média de público do campeonato nacional, após baixo valor no ano de 2004, vem subindo ano a ano de maneira sólida, atingindo a marca de 17.807 torcedores em 2009 (CBF, 2010). A fórmula de pontos corridos veio privilegiar o clube que se organiza, que tem um planejamento efetivo para lograr conquistas, obter êxitos e dividendos relacionados a elas. A incerteza do “mata-mata”, no sistema de eliminação a partir das oitavas-de-final, sai de cena no intuito de premiar aquele clube que formulou um planejamento eficiente e que foi constante (obteve maior número de vitórias) durante toda a competição.

Considerações Finais

Buscamos expor nesse artigo algumas considerações sobre a emotividade que vincula fortemente o torcedor ao futebol. Para isso, retomamos algumas contribuições teóricas de Dunning e Elias, assim como de autores brasileiros que dão subsídios teóricos para a abordagem da violência no futebol.

Ainda que as atitudes “descivilizadas” permanecem impregnadas no ambiente futebolístico, desde as ações de violência simbólica ou racional por parte de torcedores como artifícios violentos dentro do campo de jogo, existem indícios que mostram pequenas mudanças nesse quadro. Recentemente, clubes são punidos com a perda de mando de jogos e multa em decorrência de incidentes ocorridos em seu estádio nos dias de jogos. A possibilidade de afastar a torcida na realização das partidas trouxe a repreensão entre os torcedores de uma mesma equipe quando às atitudes que podem acarretar punições ao próprio clube. A incorporação dessas coações externas por parte dos indivíduos passa a se internalizar e fazer parte de sua segunda natureza, se incorporam ao que Elias chama de *habitus*.

Entendemos a trajetória do futebol brasileiro enquanto um processo social de longa duração, caracterizado como algo não planejado, como um processo cego no qual várias intencionalidades, individuais ou de grupo, se entrelaçam, culminando em um resultado inesperado, não intencional e não linear.

Fato que corrobora essa afirmação e atesta a pertinência desse modelo de análise são os avanços e retrocessos que se referem ao grau de “civilização” manifesto na modalidade. Inicialmente, assim como se deu na Inglaterra, o futebol no Brasil se desenvolveu em uma elite aristocrática que lhe significava uma marca distintiva em relação às camadas populares brasileiras e lhe garantia uma característica que a colocava numa posição ascendente em referência ao seu nível de civilização. Porém, desde algumas décadas atrás, percebemos que uma modalidade que significava alto nível de civilização aos seus adeptos (praticantes e apreciadores) passou a ser permeada por constantes impulsos “descivilizadores” e atitudes depreciativas.

Esse aparato legal, salvo algumas exceções, tem se tornando eficiente no sentido de regulamentar e organizar o esporte, além de tipificar punições a atitudes “descivilizadas” de dirigentes e torcedores que adotam condutas violentas e depreciativas em relação ao espetáculo esportivo. Já o controle da violência fora dos estádios parece de mais difícil solução, quando as influências macro-sociais são mais evidentes e de intervenção mais complexa.

Referências

- Betti, M. (2004). *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Boschilia, B. (2008). *Futebol e violência em campo: análise das interdependências entre árbitros, regras e instituições esportivas*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). 192 p. Curitiba, UFPR.
- CBF (2010). Campeonato Brasileiro Série A. Estatísticas. Consultado em 05 de abril de 2010 em: http://www.cbf.com.br/php/index_c.php?e=17

- Damo, A. S. (2006). O ethos capitalista e o espírito das copas. In: Gastaldo, É. L.; Guedes, S. L. (orgs). *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto.
- Dunning, E.; Elias, N. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa, Portugal: Difel.
- Dunning, E. (1999). *Sport Matters: Sociological studies of sport, violence and civilization*. London: Routledge.
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Organizado por Michael Schroter; Trad. Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Franco Júnior, H. (2007). *A dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lucena, R. de F. (2001). *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Moraes, P. R. B. (2007). Violência, identidade e algumas reflexões sobre o futebol. In: Ribeiro, L. C. (org). *Futebol e Globalização*. Jundiaí, SP: Fontoura.
- Morato, M. P. (2005). A dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. In: Daólio, J. (org). *Futebol, Cultura e sociedade*. Campinas, SP. Autores Associados.
- Reis, H. H. B. (1998). *Futebol e Sociedade: As manifestações da torcida*. Tese (Doutorado em Educação Física). 127 p. Campinas, Unicamp.
- Reis, H. H. B. (2005). Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In: Daólio, J. (org). *Futebol, Cultura e sociedade*. Campinas, SP. Autores Associados.
- Reis, H. H. B. (2006). *Futebol e violência*. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados).